

# PEQUENO DICIONÁRIO de Grandes PERSONAGENS HISTÓRICOS

José Maria Gomes de Souza Neto  
Kalina Vanderlei Silva  
Karl Schurster



ALTA BOOKS  
EDITORA  
Rio de Janeiro, 2016

*O livro que o leitor tem agora em mãos é o produto final de anos de intenso trabalho e pesquisa, e ao concluí-lo, desejamos destacar duas pessoas muito especiais: Francisco Carlos Teixeira da Silva e Tany Mara Monfredini (in memoriam).*

*A vocês, dedicamos esta obra.*

## Agradecimentos

Um trabalho desse volume não pode ser feito a seis mãos. Ao longo dos anos, contamos com a ajuda preciosa de vários colegas e amigos, que nos emprestaram bibliografia, discutiram conosco, leram e comentaram nossos textos. Dessa forma, agradecemos a grande ajuda de Albino Dantas, Ana Cristina Barros, André Bueno, Carlos Eduardo Campos, Daniel Breda, Félix Jácome, Igor Lapsky, Leandro Ricon, Luiz Henrique Bonifácio, Magno Michel Marçal, Wagner Teobaldo, Aída Barros, Phillippe Augusto e Jairo Fernandes e a todos nossos alunos, fontes de inspiração de nosso trabalho. Agradecemos muito ao nosso editor Rugeri e a toda a equipe da Alta Books. Sem vocês, a realização deste trabalho não seria possível.

# SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>xvii</b>
<b>A História Contada Por Meio da Vida de Seus Personagens</b>	
<b>Introdução .....</b>	<b>xxi</b>
<b>Saindo da Torre de Marfim: A Biografia no Tempo</b>	

## PARTE I Exploradores Do Infinito

<b>Enheduanna — Sacerdotisa acadiana, c. 2285–2250 a.C. ....</b>	<b>3</b>
<i>O Ornamento do Céu</i>	
<b>Cai Lun — Cortesão chinês, c. 50–121 .....</b>	<b>8</b>
<i>O Marquês de Papel e o Engenho Chinês</i>	
<b>Mawlana Rûmi — Místico sufi e poeta persa, 1207–1273.....</b>	<b>14</b>
<i>“A Alma do Amado Possui o que é Meu”</i>	
<b>Leonardo da Vinci — Artista e cientista italiano, 1452–1519.....</b>	<b>19</b>
<i>As Proporções do Gênio Renascentista</i>	
<b>Cristóvão Colombo — Navegador italiano, século XVI.....</b>	<b>25</b>
<i>Almirante de Oceanos Desconhecidos</i>	
<b>Teresa D’Ávila — Poetisa e religiosa espanhola, 1515–1582.....</b>	<b>29</b>
<i>O Êxtase Místico</i>	
<b>Isaac Newton — Físico inglês, 1642–1727 .....</b>	<b>35</b>
<i>O Gênio da Maçã e da Gravidade</i>	
<b>Charles Darwin — Naturalista inglês, 1809–1882.....</b>	<b>40</b>
<i>A Marcha das Criaturas</i>	

<b>Sigmund Freud — Médico austríaco, 1856–1939 .....</b>	<b>46</b>
<i>O Eu Atormentado entre a Dizibilidade e o Silêncio</i>	
<b>Albert Einstein — Físico alemão, 1879–1955.....</b>	<b>51</b>
<i>Uma Nova Interpretação do Universo</i>	
<b>Helen Keller — Ativista norte-americana, 1880–1968 .....</b>	<b>56</b>
<i>A Cada Coisa um Nome</i>	
<b>Yuri Gagarin — Cosmonauta russo, 1934–1968.....</b>	<b>62</b>
<i>Às Estrelas com o Comunismo</i>	

## PARTE II COMETAS E SEU BRILHO: OS LÍDERES POLÍTICOS

<b>Hatshepsut — Rainha egípcia, 1508–1458 a.C. ....</b>	<b>71</b>
<i>A Faraona</i>	
<b>Ramsés II — Faraó egípcio, c. 1303–1213 a.C. ....</b>	<b>76</b>
<i>O Sorridente Todo-Poderoso</i>	
<b>Nabucodonosor II — Rei babilônico, c. 634–562 a.C. ....</b>	<b>82</b>
<i>Senhor da Taça de Ouro</i>	
<b>Júlio César — Político romano, 100–44 a.C. ....</b>	<b>87</b>
<i>Caesar sum, Non rex</i>	
<b>Cleópatra — Rainha egípcia, 69–30 a.C. ....</b>	<b>92</b>
<i>Rainha entre Reis</i>	
<b>Qin Shi Huangdi — Imperador chinês, 259–210 a.C. ....</b>	<b>97</b>
<i>Um Único Governante para Tudo-Abaixo-do-Céu</i>	
<b>Teodora — Imperatriz bizantina, c. 500–548.....</b>	<b>103</b>
<i>Da Jaula dos Ursos ao Trono Imperial</i>	

<b>Carlos Magno — Rei franco, 742/47/48–814.....</b>	<b>108</b>
<i>O Patriarca do Ocidente</i>	
<b>Harun Al-Rashid — Califa islâmico, 763/766–809.....</b>	<b>113</b>
<i>O Monarca das Mil e Uma Noites</i>	
<b>Mansa Mussa — Imperador malinês, século XIV.....</b>	<b>119</b>
<i>Grande Senhor da Gente Preta</i>	
<b>Pachacutec Inca — Imperador inca, século XV.....</b>	<b>124</b>
<i>O Senhor dos Quatro Cantos do Mundo</i>	
<b>Montezuma II — Imperador asteca, 1466–1520.....</b>	<b>128</b>
<i>A Águia da Rocha de Cacto</i>	
<b>Nzinga Mbandi — Rainha do ndongo, c. 1582–1663.....</b>	<b>133</b>
<i>Jinga, A Rainha do Congo</i>	
<b>Maurício de Nassau — Militar alemão, 1604–1679.....</b>	<b>138</b>
<i>Príncipe Renascentista abaixo do Equador</i>	
<b>Luís XIV — Monarca francês, 1638–1715.....</b>	<b>144</b>
<i>A Glória Absoluta</i>	
<b>Catarina, a Grande — Monarca russa, 1729–1796.....</b>	<b>150</b>
<i>A “Mãezinha” de Todas as Rússias</i>	
<b>Vitória — Monarca inglesa, 1819–1901.....</b>	<b>155</b>
<i>Rule, Britannia</i>	
<b>Lênin — Revolucionário russo, 1870–1924.....</b>	<b>160</b>
<i>O Cérebro de uma Revolução</i>	
<b>Adolf Hitler — Ditador alemão, 1889–1945.....</b>	<b>166</b>
<i>O Pesadelo do Século XX</i>	
<b>Mao Zedong — Líder chinês, 1893–1976.....</b>	<b>172</b>
<i>O Timoneiro Vermelho das Massas Chinesas</i>	

### PARTE III PONTES COM O DIVINO

<b>Krishna — Divindade humanizada indiana.....</b>	<b>181</b>
<i>Supremo Senhor</i>	
<b>Moisés — Profeta hebreu.....</b>	<b>187</b>
<i>Shelah et ami</i>	
<b>Sidarta Gautama, o Buda — Religioso indiano, c. 560–480 a.C. ....</b>	<b>193</b>
<i>O Caminho para a Libertação</i>	
<b>Lao Zi — Místico chinês, século vi a.C. ....</b>	<b>199</b>
<i>Guia do Caminho</i>	
<b>Jesus de Nazaré — Religioso judeu, c. 4 a.C.–c. 30/33 d.C .....</b>	<b>204</b>
<i>O Pregador Galileu</i>	
<b>Maomé — Profeta árabe, 570–632 .....</b>	<b>209</b>
<i>Recita!</i>	

### PARTE IV OS DEMIURGOS

<b>Homero — Poeta grego, século VIII a.C. ....</b>	<b>217</b>
<i>O Educador da Hélade</i>	
<b>Confúcio — Pensador chinês, 551–479 a.C. ....</b>	<b>223</b>
<i>O mestre e seus ditos</i>	
<b>Sófocles — Teatrólogo ateniense, 496–404 a.C. ....</b>	<b>228</b>
<i>A Tragédia de Ser Humano</i>	

<b>Sócrates — Pensador helênico, 469–399 a.C.</b> .....	<b>235</b>
<i>Incômodo Moscardo, Loquaz Vagabundo</i>	
<b>Vatsyayana — Filósofo indiano, início da era cristã</b> .....	<b>241</b>
<i>A Etiqueta do Amor da Índia Clássica</i>	
<b>Agostinho de Hipona — Religioso e pensador romano, 354–430</b> .....	<b>247</b>
<i>O Santo Pecador da Filosofia Cristã</i>	
<b>Li Bai — Poeta chinês, 701–762</b> .....	<b>252</b>
<i>Imortal da Poesia, Eremita do Verde Lótus</i>	
<b>Murasaki Shikibu — Escritora japonesa, c. 970–c. 1010</b> .....	<b>257</b>
<i>A Criadora do Desejo</i>	
<b>Averróis — Filósofo andaluz, 1126–1198</b> .....	<b>262</b>
<i>O Ornamento do Universo</i>	
<b>Maimônides — Filósofo andaluz, 1135–1204</b> .....	<b>267</b>
<i>Ninguém há como Moisés</i>	
<b>Dante Alighieri — Poeta italiano, 1265–1321</b> .....	<b>272</b>
<i>Cruzando Céus e Infernos da Alma Humana</i>	
<b>Ibn Khaldun — Historiador magrebino, 1332–1406</b> .....	<b>277</b>
<i>Escrevendo a Primeira História Universal</i>	
<b>Martinho Lutero — Teólogo alemão, 1483–1546</b> .....	<b>283</b>
<i>O Reformador</i>	
<b>William Shakespeare — Poeta, dramaturgo e ator inglês, 1564–1616</b> .....	<b>289</b>
<i>Inverno dos Descontentamentos</i>	
<b>Miguel de Cervantes — Escritor espanhol, 1547–1616</b> .....	<b>295</b>
<i>Retratista da Triste Figura</i>	

<b>Sóror Juana Inés de la Cruz — Religiosa e escritora mexicana, c. 1648–1695 .....</b>	<b>300</b>
<i>A Décima Musa</i>	
<b>Voltaire — Filósofo francês, 1694–1778.....</b>	<b>305</b>
<i>A Ironia contra o Absolutismo</i>	
<b>Karl Marx — Economista alemão, 1818–1883.....</b>	<b>311</b>
<i>O Mundo Como Luta Econômica</i>	
<b>Machado de Assis — Escritor brasileiro, 1839–1908 .....</b>	<b>316</b>
<i>O Bruxo do Cosme Velho</i>	
<b>Gilberto Freyre — Sociólogo brasileiro, 1900–1987 .....</b>	<b>321</b>
<i>Por uma Civilização Mestiça</i>	
<b>Charlie Chaplin — Cineasta inglês, 1889–1977 .....</b>	<b>326</b>
<i>Artesão de Emoções Filmadas</i>	

## PARTE V HERÓIS DA RESISTÊNCIA

<b>Hipácia de Alexandria — Filósofa egípcia, 370–415.....</b>	<b>335</b>
<i>Mártir da Ciência, Vítima do Obscurantismo</i>	
<b>Zumbi — Líder escravo brasileiro, c. 1655–1695 .....</b>	<b>340</b>
<i>O General da Cerca Real de Macaco</i>	
<b>Chica da Silva — Liberta brasileira, c. 1731–1796 .....</b>	<b>346</b>
<i>A Rainha das Gerais</i>	
<b>Emiliano Zapata — Revolucionário mexicano, 1879–1919 .....</b>	<b>350</b>
<i>¡Viva la Revolución!</i>	
<b>Gerônimo — Líder apache, 1829–1909.....</b>	<b>355</b>
<i>Voz dos Espíritos, Terror dos Mexicanos</i>	

<b>Gandhi — Líder político e espiritual indiano, 1869–1948 .....</b>	<b>360</b>
<i>O Líder da Roca e do Calmo Pensar</i>	
<b>Che Guevara — Revolucionário argentino, 1928–1967 .....</b>	<b>366</b>
<i>O Belo e Peripatético Ícone da Revolução</i>	
<b>Martin Luther King Jr. — Líder norte-americano, 1929–1968 .....</b>	<b>372</b>
<i>O Sonhador</i>	
<b>Nelson Mandela — Presidente sul-africano, 1918–2013 .....</b>	<b>377</b>
<i>A Luta é Sua Vida</i>	
<b>Billie Holiday — Diva do jazz, 1915–1959 .....</b>	<b>383</b>
<i>Lady Day: a mais comovente voz do jazz</i>	
<b>Os Beatles — Músicos ingleses, 1960–1970 .....</b>	<b>388</b>
<i>Os Quatro Cabeludos</i>	

## PARTE VI OS SENHORES DA GUERRA

<b>Gilgamesh — Guerreiro e líder sumeriano, III milênio a.C. ....</b>	<b>397</b>
<i>O Primeiro Herói da História</i>	
<b>Alexandre Magno — Imperador macedônico, 356–323 a.C.....</b>	<b>402</b>
<i>Ponte entre o Ocidente e o Oriente</i>	
<b>Átila — Chefe huno, c. 400–454 .....</b>	<b>408</b>
<i>O Flagelo de Deus</i>	
<b>Saladino — Sultão do egito, c. 1138–1193.....</b>	<b>414</b>
<i>O Mais Perfeito Cavaleiro</i>	

<b>Gengis Khan — Conquistador mongol, 1155–1227 .....</b>	<b>419</b>
<i>O Maior Conquistador do Mundo</i>	
<b>Joana D’Arc — Líder militar francesa, 1412–1431 .....</b>	<b>426</b>
<i>A Santa Guerreira da França</i>	
<b>Miyamoto Musashi — Samurai japonês, 1584–1645.....</b>	<b>431</b>
<i>O Espadachim Lendário</i>	
<b>Napoleão Bonaparte — Imperador francês, 1769–1821.....</b>	<b>436</b>
<i>A Águia que Voa de Campanário em Campanário até Notre Dame</i>	
<b>Simón Bolívar — General venezuelano, 1783–1830 .....</b>	<b>442</b>
<i>Aquele que Arou no Mar</i>	
<b>Osama Bin Laden — Terrorista saudita, 1957–2011 .....</b>	<b>447</b>
<i>Onze de setembro</i>	
<b>POSFÁCIO .....</b>	<b>455</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>457</b>

# **A História Contada Por Meio da Vida de Seus Personagens**

É uma pintura que nos põe diante dos olhos, nem mais nem menos que num quadro, as coisas dignas de memória, que outrora fizeram os povos poderosos, os reis e príncipes magnânimos, os sábios governadores, e valentes capitães e personagens marcadas por alguma notável qualidade, representando-nos os costumes das nações estrangeiras, as leis e hábitos antigos, os desígnios dos homens particulares, os seus conselhos e empreendimentos, os meios que empregaram para triunfar e os seus desregramentos quando atingiram os mais altos ou quando desceram aos mais baixos graus da fortuna [...].<sup>1</sup>

A História pode ser contada de diferentes maneiras, e uma delas é por meio das biografias. Afinal, um de seus grandes apelos é fazer o leitor embarcar em novos mundos, muitas vezes vistos como estranhos e fascinantes. E a possibilidade de viajar por cidades, costumes e cotidianos dos mais distintos gera um sentimento de fascínio crescente, visível no vultoso número de romances históricos, filmes, programas de televisão e outros tantos produtos que têm a História como tema e onde os personagens centrais são homens e mulheres cujas vidas servem de fio condutor para um grande enredo de aventuras e desventuras, o qual tem como pano de fundo reinos, cidades e cenários às vezes considerados “exóticos”.

Pensando nisso, este *Pequeno Dicionário de Grandes Personagens Históricos* segue esse fascínio pela História aventureira e apresenta sociedades e contextos históricos fundamentais à compreensão da História como a entendemos a partir das vidas de alguns de seus protagonistas. Trabalhando com biografias, um gênero literário fronteiro entre História e Literatura, acompanhamos personagens cujas vidas servem de ilustração para as estruturas sociais, políticas e culturais nas quais viveram. São líderes políticos, conquistadores e guerreiros, mas também artistas, cientistas e filósofos, homens e mulheres de todos os continentes e épocas, cujas vidas funcionam como um convite para nos aproximarmos de seu mundo e adentrarmos nessas outras realidades fascinantes.

---

<sup>1</sup> PLUTARCO. *As vidas dos homens ilustres*, Tomo I. São Paulo: Editora das Américas, 1959, p. 24.

Assim, dividimos nossos protagonistas ao longo de seis partes temáticas que exploram as facetas mais conhecidas ou atuantes da vida de cada um. Começamos, em *Exploradores do Infinito*, a acompanhar cientistas, místicos e aventureiros que puseram à prova os limites do conhecimento de sua época. Esse ato de desafio manifestou-se das mais variadas formas: da coragem em assumir a autoria quando ninguém jamais o fizera, como Enheduanna, de se lançar aos espaços desconhecidos das amplitudes exteriores, como Colombo e Gagarin, àqueles mais recônditos, como os casos de Helen Keller e Freud.

Em seguida debruçamo-nos sobre aqueles comumente conhecidos como os “grandes líderes”, ou seja, homens e mulheres que exerceram papéis de liderança tão importantes que influenciaram as estruturas a sua volta: de Hatshepsut a Mao Zedong, esses líderes seriam, nas palavras de Napoleão, cometas destinados a se queimar para iluminar o século em que viveram.<sup>2</sup>

No entanto, alguns líderes, mais do que pela política, mudaram suas sociedades a partir da religião. Assim, em *Pontes com o Divino* procuramos os fundadores dos grandes sistemas religiosos, de Jesus a Maomé, sem esquecer os míticos Krishna, Moisés e Lao Zi, cujos nomes ainda são reverenciados por milhões de pessoas.

Já a parte *Os Demiurgos* acompanha artistas e pensadores que foram considerados gênios por seus contemporâneos e sua posteridade, cujas obras de uma forma ou de outra estão vivas em nosso cotidiano. A palavra “demiurgo” lembra o papel desses personagens como criadores do gênero humano. São figuras clássicas do pensamento ocidental, como Sócrates, filósofos menos discutidos nos manuais de História, como Averróis e Ibn Khaldun, e outros menos conhecidos dos leitores ocidentais, como Vatsyayana e Li Bai.

Passamos então aos *Heróis da Resistência*, em que procuramos resgatar a ideia de herói a partir de personagens célebres por suas lutas contra situações históricas opressivas: de Zumbi e Chica da Silva, e suas formas opostas de enfrentar a escravidão colonial, a pacifistas como Gandhi, Luther King e Mandela, sem esquecer aqueles que optaram pela revolta armada, como Zapata e Che.

---

<sup>2</sup> Essa citação de Napoleão foi referida por McGUIRE, Leslie. *Napoleão*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.)

Finalmente, *Os Senhores da Guerra* segue guerreiros e conquistadores, aqueles cuja fama se deveu primordialmente ao sucesso nos campos de batalha. Do primeiro desses combatentes, o mítico Gilgamesh, aos santificados, como Joana D'Arc, e execrados, como Átila.

Enfim, cada biografia entrelaça a vida do personagem retratado com o processo histórico do qual ele se tornou símbolo. E se a vida do protagonista não pode ser compreendida fora de seu contexto, acreditamos que ela pode nos ajudar a melhor entender o cenário no qual aquele viveu. Assim, desejamos que a leitura deste *Pequeno Dicionário de Grandes Personagens Históricas* possa abrir novos horizontes para a diversidade de contextos que permeia a presença da humanidade no mundo.

***Boa viagem!***

# Saindo da Torre de Marfim: A Biografia no Tempo

Karl Schurster e Leandro Couto Carreira Ricon

O historiador francês François Dosse, em seu relevante e amplo estudo acerca do gênero biográfico<sup>1</sup>, afirma com certo humor irônico: “Não contem para minha mãe que sou biógrafo: ela pensa que sou historiador”. Essa sentença, baseada na própria prática desse historiador em escrever biografias, encerra algumas reflexões acerca dos estudos biográficos ao longo do século XX. Automaticamente pensemos em duas, que estão estritamente interligadas: em primeiro lugar, essa afirmação demonstra que em alguns núcleos acadêmicos ou mesmo perante generosa parcela do grande público ainda impera uma negação das pesquisas biográficas, e, em segundo lugar, a biografia passa a aparecer como gênero relegado às curiosidades, sem valor documental, principalmente se pensarmos em uma historiografia cientificamente orientada. Devemos, contudo, compreender esse gênero de escrita, que é um dos mais expressivos — e debatidos — de nosso tempo presente.

As narrativas de histórias de vida, biografias, surgiram na Grécia Antiga ao mesmo tempo em que surge a História como ramo de conhecimento. Nesse momento do passado humano, essas escritas serviram a uma ordem pedagógica, de ensinamentos mínimos ao cidadão do contexto. Tal qual a História, a escrita biográfica fundamentava-se em também ser uma *mestra da vida*, se quisermos utilizar uma expressão do período. Daniel Madelénat, ao dividir as possibilidades de escrita biográfica em momentos distintos<sup>2</sup>, afirmou que a biografia entre a Antiguidade e o século XVIII, mesmo sofrendo variadas modificações, mantém a lógica de instrumentalidade e

---

<sup>1</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 19.)

<sup>2</sup> MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984. As biografias clássicas, ocorridas entre Antiguidade e o século XVIII, as românticas, praticadas entre o século XVIII e meados do XX e as biografias modernas, escritas até nossa contemporaneidade.

finalidade e ainda demonstrou que essa tipologia de estudo, quando se trata da Antiguidade Clássica, deve ser compreendida a partir do declínio da *pólis* grega, mesmo momento em que a vida coletiva vai se esvaindo, surgindo, assim, por exemplo, as biografias elogiosas, principalmente políticas, e unidas à memória, que tinham como uma de suas funções o resgate de um sentido de unidade que se perdia a cada momento.

Nessa Antiguidade encontramos, por exemplo, autores como Suetônio e seu *A Vida dos Doze Césares*, e Plutarco, um dos principais autores do gênero e o primeiro a escrever biografias a partir de uma abordagem próxima a um comparativismo: *Vidas Paralelas*. Nesses estudos, comparando personagens gregos e personagens romanos, ocorre um confronto simbólico entre as duas principais culturas de seu momento, a Grega e a Romana. Esse autor, nascido em torno do ano de 46 em Queroneia, acabou se inserindo nas discussões historiográficas devido à pluralidade de personagens analisados e às pequenas curiosidades analisadas, relevantes, também, para a compreensão dos atores, uma inovação para o modelo dentro do período. Associando o público com o privado, sua linguagem possui um pleno sentido dramático que acaba por conduzir sua narrativa. Tal característica fazia-se necessária para os anseios biográficos do contexto, bem como a junção da ética com a verdade e com a política — afinal, o mundo grego estabeleceu fortes parâmetros para esses três fatores.

Dentro da própria percepção da Antiguidade, porém, essa possibilidade de escrita histórica encontrou certa resistência, não sendo tida, necessariamente, como algo próximo à História desde seu surgimento. Tucídides, em sua *A Guerra do Peloponeso*, já percebia problemas nessa modalidade, tal qual Tito Lívio. Até mesmo Políbio, em suas *Histórias*, já demonstrava a distinção entre História e biografia, e o próprio Plutarco também tinha suas dúvidas acerca das narrativas de vida, demonstrando a percepção de diferenças entre a biografia e a História ao longo de sua obra.

A Idade Média manteria a principal característica das biografias da Antiguidade: o cunho pedagógico. As biografias, nessa época, ainda eram utilizadas para demonstrar à população como viver, mas com uma diferença: enquanto na Antiguidade grega e romana a vida estava atrelada à prática política — afinal, era o período de afirmação da *democracia* grega e das possibilidades da *república* romana —, na Idade Média, passou a estar presa à moralidade religiosa cristã, que se reafirmava cada vez mais

em território europeu com a ampliação hegemônica da Igreja. Durante o medievo, reinaram, então, as hagiografias, já que a figura da santidade e do próprio santo, representativa do Bem numa visão profundamente maniqueísta, deve ser lembrada por ter vencido alguma adversidade.<sup>3</sup> Esse também é o momento no qual as crônicas começam a se consolidar, e, já no século XIV, o escritor italiano Giovanni Boccaccio escreveu uma biografia de Dante Alighieri, o *Tratado em louvor a Dante*. Dante, que morreria pouco tempo antes da escrita dessa biografia, teve seu texto biográfico baseado em documentos, uma característica inovadora da época, já que a Antiguidade tendia a analisar os relatos orais e mitológicos com maior percepção de que eram verídicos do que as próprias possibilidades documentais que o momento oferecia.

Ocorreu então, com o Renascimento italiano, uma modificação no padrão da escrita das histórias de vidas, surgindo as primeiras biografias anedóticas e satíricas, sem, contudo, perderem determinadas características educacionais, assim como as modelagens anteriores. No Renascimento, marcado pela impressão em série de textos, proporcionada pela imprensa de Gutenberg e a “redescoberta” da Antiguidade<sup>4</sup>, o indivíduo começa a ter e a perceber sua importância, fazendo com que os textos de memória ganhem relevância. Desta forma, as escritas acerca da vida de determinados indivíduos começam a se colocar como fonte para a História. Já no século XVI, Giorgi Vasari escreveu seu texto *Sobre a vida dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos*, demonstrando que as mais plurais personagens agora eram biografadas, marcando uma retomada da preocupação com a vida particular de seus atores. Por último, podemos perceber que, com o início do processo de individualização ocorrido na Europa durante o Renascimento, uma das práticas que se transformou em comum foi a produção de autobiografias. Essa característica de produção autobiográfica acabaria se transformando em uma tônica para os estudos históricos da vida privada, principalmente no século XIX e final do XX.

Após estas, o gênero biográfico não sofreria significativas modificações até sua próxima guinada, ocorrida apenas no processo de instauração de uma mentalidade iluminista. Quanto a esse momento, podemos lembrar

---

<sup>3</sup> Para mais informações, ver o verbete sobre Agostinho de Hipona.

<sup>4</sup> Chamamos aqui de “redescoberta”, já que o Renascimento se consolidou na historiografia como uma invenção de historiadores dos séculos XVIII e XIX, notadamente os iluministas e os românticos, que, por seu afastamento da Idade Média, acabam não percebendo as características desta no próprio movimento chamado, então, de Renascimento.

da tentativa de reescrita da história de determinado personagem, anulando, assim, seus defeitos, como fez o teólogo e bispo francês Jacques Bossuet, um dos primeiros a defender a teoria do absolutismo político, com suas *Orações fúnebres*. Pouco após esse contexto sociocultural, no ano de 1721, ocorreu a dicionarização da palavra “biografia”, designando, à época, “um gênero que tinha por objetivo a vida dos indivíduos”.<sup>5</sup> Nesse século XVIII, os atores biografados da Antiguidade e do medievo vão sendo lentamente substituídos pela figura dos grandes homens — aqueles que prestaram algum serviço para seu mundo coletivo. Essa figura de grande homem reinaria na historiografia até o gênero biográfico sofrer um interdito na passagem do século XIX para o XX.

O movimento iluminista, em sua busca de uma racionalização do mundo, modificou a estrutura das escritas biográficas existentes até então, e se as biografias anteriores demonstravam modelos de vida a serem seguidos, a partir do Iluminismo elas se transformaram num modelo narrativo a ser seguido. Nesse momento, iluministas como Voltaire e David Hume escreveram seus textos biográficos ou com aproximações biográficas. Contudo, não ocorreu uma plena unidade nessas escritas: enquanto Hume, acreditando que a biografia criava uma possibilidade de auxílio para a compreensão total da História, escreveu sua obra acerca de Carlos I da Inglaterra com uma caracterização heroica, Voltaire analisou Luís XIV e Carlos XII da Suécia de forma humana e, portanto, dúbia e passível de erros.

Ainda ocorriam, porém, divergências acerca da validação epistemológica da biografia: enquanto Jean-Jacques Rousseau acreditou na possibilidade e relevância do gênero escrevendo, por fim, sua autobiografia (*Confissões*), Diderot, por sua vez, afirmava que uma biografia nunca seria suficiente para captar a essência de um indivíduo, ou seja, nunca seria afirmada numa forma estritamente científica. O que, contudo, não necessariamente excluía a possibilidade de se biografar determinado indivíduo — ambos, Rousseau e Diderot, acreditavam que o diálogo com o método era o melhor caminho para a pesquisa histórica e para a execução das narrativas de vida. Podemos lembrar que nesse período, bem como desde o início da modernidade, a preocupação com o método tornou-se tônica no pensamento ocidental. Essa pretensão de rigor metodológico fez com que, em 1791, James Boswell publicasse *A Vida do Dr. Samuel Johnson*, texto que possuía plenas

---

<sup>5</sup> DEL PRIORE, Mary. *Biografia: quando o indivíduo encontra e história*. TOMO I, v.10, n.19, 2009, p. 8.

pretensões de contar apenas a verdade, evitando as adulações, tão comuns nessa época — para isso, por exemplo, o autor recorreu a entrevistas, algo novo no período. Logo, ao contar a vida de Samuel Johnson, também autor de biografias, Boswell passou a ser um dos primeiros a se preocupar com sua personagem integralmente, buscando a exemplificação de qualidades e defeitos. Esse momento, a transição entre os séculos XVIII e XIX, marcado pelo aprofundamento das relações individuais iniciadas com o Renascimento e seguido pela ascensão da burguesia, é o momento no qual ocorre o surgimento do biógrafo profissional, aquele indivíduo que se dedica à análise da vida de outro indivíduo de forma sistematizada e continuada.

É chegado então o século XIX, aquele que ficou conhecido como sendo “o século da História” e, logicamente, das biografias. O momento no qual a História ganhou ampla relevância. Cientificou-se e se transformou em disciplina. Esse contexto que presenciou profundas mudanças em todos os segmentos da vida humana acabou influenciando toda a produção histórica, bem como a teoria (e, por que não, a filosofia) e a metodologia da História. Nesse século, no que tange à escrita biográfica, ocorrem duas posições díspares: primeiramente acontece certa superestimação desse gênero, logo a produção em determinados núcleos ampliou-se pelos mais diferentes motivos; em segundo lugar ocorre, em núcleos específicos, uma subestimação da escrita biográfica, processo que acaba afastando esse tipo de produção. Essa contradição, muitas vezes litigiosa, de núcleos historiográficos, acaba sendo, na verdade, as próprias contradições que a sociedade europeia do “século romântico” percebe. O prisma analítico da História se configurou em uma pluralidade de possibilidades que acabariam sendo responsáveis por determinada relativização e hiperespecialização dessa disciplina.

Para o primeiro grupo de historiadores, a produção biográfica do século XIX faz a união entre a relevância do indivíduo e a importância das histórias nacionais. É o momento do enfoque heroico do indivíduo biografado, tão popularizado por Thomas Carlyle, mesmo que não seja o único modelo a dominar entre aqueles autores que permanecem fiéis à escrita de vidas.

Neste sentido, alguns autores acabaram se tornando famosos ao longo de suas vidas por sua quantidade e qualidade de produção. Entre eles, destacam-se: o historiador e filósofo da história e da cultura Jacob Burckhardt e seu método patológico, baseado no sofrimento dos homens, demonstrando, assim, que a ideia de progresso histórico é equivocada; o crítico e histo-

riador francês Hippolyte Taine, que procurou uma psicologia que afastasse as contradições entre o particular e o geral — além de ambos serem reconhecidos, também, por buscarem uma dimensão antianedótica na escrita biográfica; e o filósofo e historiador francês Jules Michelet, que, escrevendo textos acerca de Dante e de Napoleão Bonaparte, buscou fazer com que a História (biografada) servisse à construção de determinada ideia nacional, uma sensação de se pertencer à determinada coletividade delimitada.

Leopold von Ranke, um dos autores mais relevantes do cenário da produção historiográfica do século XIX, percebia na biografia um complemento ao trabalho do historiador, chegando a escrever os textos biográficos sobre Albrecht von Wallenstein, militar e político boêmio, e sobre o barão Karl August von Hardenberg, relevante estadista prussiano. Todavia, esse mesmo autor acabou encontrando dificuldades em compensar a neutralidade objetiva que ele mesmo constantemente propunha, uma vez que o biografado, pelo simples fato de ser humano, desperta as mais variadas sensações no biógrafo, o que se amplia até a sua narrativa.

Vale lembrarmos, também, que Wilhelm Dilthey foi outro a lançar mão de estudos biográficos, percebendo nestes validade científica, como é o caso, por exemplo, de seus estudos acerca do filósofo Gottfried Leibniz, dos escritores Friedrich Schiller e Wolfgang von Goethe, nos quais procurava explicitar suas concepções psicológicas e epistemológicas. A partir da leitura das obras biográficas de Dilthey notamos que, para esse pensador, o estudo biográfico existe, já que a relação entre a parte (indivíduo) e o todo (sociedade) forma o que pode ser chamado de *teatro da História*.

Para o segundo grupo de historiadores do século XIX, as biografias eram consideradas naturalmente a-históricas. Assim sendo, reduzindo o lugar dos indivíduos, este acabou sendo “esmagado pela lei”.<sup>6</sup> Ou seja, a busca por leis gerais comum, por exemplo, no positivismo francês que explicariam amplamente a dinâmica social, dificulta ou mesmo inviabiliza a prática biográfica nos centros historiográficos. A partir daí, a pequena gama de autores que ainda praticava esse gênero começa a se preocupar com dois temas: primeiramente o indivíduo biografado passa a ser compreendido como um ser social e, em segundo lugar, passa a ser necessário levar em

---

<sup>6</sup> LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, p. 230.

conta o lado psíquico do indivíduo e da cultura social, características que se ampliariam durante o século XX.

Dessa forma, ocorre um afastamento do gênero biográfico, da possibilidade epistemológica da História, possibilidade esta tão procurada nos séculos anteriores, se aproximando, portanto, de uma narrativa não problematizadora. As biografias passariam, com isso, a ser produzidas por literatos, sem um rigor metodológico específico e sem problematizações científicas. Logo, podemos perceber que, apesar de mudar de foco, o interesse pelas biografias ainda persistia entre certos leitores e autores.

Após esse historiograficamente conturbado “século da História”, a biografia começa a ser questionada nos meios acadêmicos como gênero menor. Somou-se a esse fato a larga produção que entregava importância exacerbada às curiosidades das vidas ilustres, o que diretamente elaborava personagens incompletos. Todavia, o costume historiográfico contemporâneo de se afastar a prática biográfica desse período deve ser relativizado. O próprio Marc Bloch demonstrou a importância do indivíduo ao afirmar que a “História é a ciência dos homens no tempo”.<sup>7</sup> Assim, percebemos que, apesar dos questionamentos afirmados nesse momento, o gênero continuou a ser produzido, atingindo as possibilidades de feitura em outros núcleos intelectuais, como o jornalismo e a sociologia, que, neste sentido, cada vez mais se reafirmariam.

É chegada a vez, então, do escasseamento biográfico dentro da produção historiográfica. Alguns pontos marcam esse período ocorrido aproximadamente entre as décadas de 1920 e meados de 1960. Durante esse momento, mesmo assim, certos estudos biográficos dentro dos núcleos historiográficos continuaram sendo feitos, dos quais vale destacarmos a tentativa de renovação do gênero, buscando a relação entre o indivíduo e a coletividade, como a proposta por Lucien Febvre com seus *Martinho Lutero*, *Um destino* e *O problema da incredulidade no século XVI, a religião de Rabelais*. Mesmo com certas críticas, até mesmo Fernand Braudel, conhecido por seus estudos de “História de longa duração”, ou seja, uma história mais focada nas permanências que acabam ultrapassando a existência individual, se enveredou por esse ramo, escrevendo textos sobre Carlos V e Felipe II. Contudo, mesmo com as tímidas defesas de significativos historiadores, o

---

<sup>7</sup> BLOCH, M. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

gênero biográfico acabou em segundo plano sufocado, principalmente por outras abordagens epistemológicas, como é o caso das análises marxistas focadas nas problematizações econômicas, passando a ser utilizadas pelos historiadores apenas como ilustrações a determinados fatos.

A biografia como modalidade histórica tinha se transformado na biografia romanceada. A partir daí, a plena publicação de textos acerca de vidas ilustres ganharia força editorial e acabaria alcançando as salas de cinema, outra força narrativa poderosa, durante o século XX, atingindo, assim, uma maior parte da população que já começava a ficar interessada nas características dos outros homens. Vale notar que as biografias ganharam tanto interesse popular nesse período que até mesmo Winston Churchill publicaria ensaios biográficos — incluindo personagens como o próprio Adolf Hitler, seu futuro inimigo durante a Segunda Guerra Mundial.

Mesclando seus períodos de popularidade e impopularidade acadêmica, as escritas biográficas acabaram sendo retomadas na historiografia entre os anos de 1960 e 1980, fazendo, hoje, sucesso no mundo inteiro. Um dos motivos dessa retomada nesse momento é a relevância que os estudos acerca da relação indivíduo e sociedade ganharam. Outro motivo possível é a necessidade de se consumir as vidas alheias. No mais, a volta dos indivíduos para o palco da História teve o próprio apoio de determinados historiadores preocupados com certas abordagens sociais. Todavia, os historiadores de nosso tempo presente ainda ficam preocupados com o afastamento que as problematizações tiveram no modelo biográfico, permanecendo apenas com a narratividade cronológica. Destarte, autores plurais passaram a escrever sobre determinados personagens nas formas narrativas mais variantes, como é o caso de Christopher Hill em sua *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*, e Jean-Paul Sartre, que, publicando seu *O idiota da família: Gustave Flaubert*, acabou fundamentando a possibilidade de novas escritas biográficas.

Nesse contexto de crise da cientificidade historiográfica e sua tendência globalizante, representada no surgimento da nova historiografia, singular é o caso do medievalista francês Jacques Le Goff. Esse autor organizou, em conjunto com Pierre Nora, uma série de textos acerca das novas possibilidades historiográficas correntes nas décadas de 1970 e 1980. Todavia, em momento algum surge a retomada do gênero biográfico como campo

epistemológico na prática da História. Singular também é a postura dos micro-historiadores, principalmente os italianos.

Acerca da História política de pequena escala, podemos perceber a relevância do estudo das biografias segundo estas observações de Philippe Levillain:

sem dúvida, pode-se falar da interação entre o movimento das forças profundas e os personagens históricos que sabem exprimir, em termos de conduta, curta ou longa, as aspirações de um povo, de uma nação, e se impõem como “protagonistas”.<sup>8</sup>

Dentro desses estudos de micro-história, podemos perceber a dinâmica social, cultural, política e econômica de determinado quadro e certo território. No âmbito dos micro-historiadores, com textos biográficos ou com essa aproximação, relevantes para a historiografia contemporânea, encontramos Carlo Ginzburg, com seu *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, Natalie Zemon Davis, com seu *O retorno de Martin Guerre*, Judith C. Brown, com seu *Atos impuros: a vida de uma freira lésbica na Itália da renascença*, e Giovanni Levi, com seu *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*.

O grupo dos Annales, representado aqui por Jacques Le Goff, percebeu que a biografia é um instrumento à História, principalmente aquela culturalmente orientada. Neste sentido, Le Goff escreveu, por exemplo, duas obras biográficas. Na biografia de São Francisco de Assis, o medievalista problematizou a urbanização e o enriquecimento das cidades-Estado italianas. Já em São Luís, pensou sobre a existência e a relação entre a existência individual e a existência coletiva. Nesse autor e em outros historiadores dos Annales desse momento, a duração de uma vida passava a ser significativa para a história, diferentemente do que foi pregado pela geração anterior de Fernand Braudel e sua longa duração. A partir disso, podemos perceber as diferenças das obras de micro-história se comparadas àquelas da chamada História Cultural ou das Mentalidades: essa abordagem se preocupa com os conflitos sociais, negando, porém, as características totalizantes. E enquanto os historiadores filiados aos Analles, como é o caso de Le Goff, decidiram pela necessidade de um novo modelo metodológico para a narrativa biográfica, a partir da década de 1980, os micro-historia-

---

<sup>8</sup> LEVILLAN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003, p. 141–184.

dores procuraram por um quadro teórico-metodológico que os permitisse destacar o valor das escalas, surgindo, assim, os protagonistas anônimos da história. Devemos lembrar que, como crítica consolidada pela historiografia contemporânea a essa micro-história italiana, pode ocorrer uma interpretação exacerbada e, também, uma queda na supervalorização das exceções, na análise de quesitos insignificantes e na busca pelos indivíduos comuns, o que inviabiliza, ou ao menos dificulta, a perspectiva de estudos mais amplos e estruturais — ou mesmo, comparativos.

O já citado François Dosse, com uma erudição ímpar, apresenta um panorama geral da produção biográfica ao longo da História e demonstra que os próprios historiadores vinculados aos *Annales* afastaram as possibilidades surgidas com a narrativa das trajetórias de vida para utilizar o indivíduo apenas dentro dos estudos da sociedade. Para tal empreendimento, Dosse, assim como Madelénat, divide as biografias em três tipos: primeiramente encontramos as *biografias heroicas*, aquelas que tinham a função de educar por meio dos exemplos de vidas; em segundo lugar encontramos as *biografias modais*, que partiam de concepções generalizantes, buscando nos indivíduos traços que expliquem a dinâmica da sociedade na qual estes estão inseridos; por último encontramos as *biografias hermenêuticas*, aquelas que buscaram romper com o modelo estrutural da historiografia francesa.

A renovação que as biografias tiveram nos últimos anos se deve, portanto, à inversão do procedimento historiográfico. Logo, o interdito do século XX, ocorrente em nível estritamente historiográfico, já que as biografias continuam existindo e mantendo seu sucesso de venda neste momento, é perceptível como uma crítica às modalidades de produção históricas dos séculos anteriores. Esses modelos mais antigos adaptavam a sociedade às possibilidades do indivíduo biografado, não demonstrando as contradições e subordinações mútuas entre os sujeitos e os meios nos quais estão inseridos. O mundo moderno, no entanto, ainda subordina a biografia à História ou ainda as separa completamente, esquecendo-se dos relacionamentos entre esse gênero e essa disciplina. Há, portanto, uma percepção lógica: é imprecisa a fronteira entre biografia e História enquanto possibilidade epistemológica.

Em nosso tempo presente percebemos que ocorreu uma epidemia biográfica influenciada diretamente por certa guinada subjetiva no interior

das ciências humanas — o pós-modernismo que o diga. Logo, conforme disse Daniel Madelénat, “A história da biografia é a história de seus recomeços seguidos de sua adaptação a novas percepções do homem”.<sup>9</sup>

Hoje, o principal polo de debate acerca dessa modalidade de escrita está nas características metodológicas das abordagens biográficas. Em primeiro lugar, devemos perceber que não existe um método definitivo para a biografia. Desta forma, o método deve ser sempre adaptável à necessidade da pesquisa. Assim sendo, ainda hoje as escritas biográficas acabam misturando métodos criticados, inovadores e/ou aceitos, ocorrendo, portanto, uma incerteza metodológica. Incerteza essa que faz com que variados pensadores ainda critiquem essa forma de pesquisa. O resultado do estudo, ou seja, o texto biográfico, sempre possuirá problemas, uma vez que o critério de seleção é o pesquisador, o que faz com que os fatos selecionados como relevantes sejam assim escolhidos a partir do tempo presente do próprio historiador — afinal, toda história se apresenta com questionamentos de seu presente —, e já que o filtro para as fontes e para os fatos apresentados é sempre o historiador, há, logicamente, uma dificuldade de seleção para as narrativas a serem produzidas.

Pontos adicionais de problematização das metodologias apresentadas nas obras biográficas contemporâneas são, entre outros, a localização da identidade, a complexidade da existência humana no tempo, a questão do inconsciente e a não linearidade da vida. Esta última circunstância acabou se transformando em uma das principais questões para os opositores do gênero biográfico, já que devemos lembrar que as vidas humanas são vividas em curvas. Acerca desta crítica metodológica e de sua respectiva construção narrativa, fundamentou-se toda a análise proposta por pensadores como o sociólogo francês Pierre Bourdieu e o historiador italiano Giovanni Levi.

Para Pierre Bourdieu, o principal problema da escrita biográfica é a condução — encaminhamento — a um final já concebido, uma teleologia. Além, é claro, da moldagem da sociedade e das características necessárias à formação do indivíduo nesse mesmo indivíduo. Desta forma, continuará afirmando que

---

<sup>9</sup> MADELÉENAT, *Op. Cit.*, p. 34.

produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.<sup>10</sup>

Assim, segundo o sociólogo francês, ocorre uma *ilusão biográfica*, já que é necessário reconstruir o contexto em que o indivíduo age. E continua, afirmando que “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório”.<sup>11</sup> Percebemos que, para Bourdieu, as análises biográficas são ilusões, uma vez que a subjetividade do estudo apenas reconstrói a vida de forma artificial. Seguindo essas problematizações expostas por Bourdieu, Jacques Le Goff, buscando escapar das “Ilusões Biográficas”, demonstrou a dificuldade do experimento biográfico e partiu, por exemplo, para a lógica do “sujeito globalizante”, ou seja, aquele sujeito que é considerado apenas em uma perspectiva global. Esse sujeito, portanto, serve para as análises de todas as características do contexto, já que nele essas mesmas características se encontram passíveis de análise.<sup>12</sup>

A partir do exposto até agora, principalmente acerca da incerteza metodológica que o gênero biográfico carrega em seu interior, conseguimos perceber que um dos principais problemas dessa forma de escrita é mesclar a pluralidade e a erudição documental sobre determinado personagem com a problematização que a escrita histórica exige, sem, contudo, criar apenas uma narratividade fechada. Assim, o gênero histórico-biográfico passa a estar no interior da História enquanto campo de saber, seguindo, também, procedimentos específicos.

Logo, uma vez conhecendo amplamente as fontes documentais acerca de determinada vida, o historiador deve cuidar para não se colocar mais do que a necessidade exige, completando situações e criando falsidades. Notamos, então, a necessidade de se respeitar o personagem na integridade, o que inclui, se possível, análises de seus pensamentos, medos, anseios e quaisquer outras características que colaborem em sua formação enquanto ser social.

---

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV editora, 2008, p. 185.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 1999.

Outro ponto metodológico relevante na escrita histórico-biográfica é a percepção de que a vida do indivíduo não começa no nascimento deste nem termina com sua morte. Destarte, o pesquisador deve buscar, também, as origens e as influências que marcam a vida do indivíduo, bem como os influenciados e a memória construída acerca desse sujeito, já que, muitas vezes, os personagens passam a participar, direta ou indiretamente, do imaginário das sociedades, tendo sido apropriados e reapropriados sucessivas vezes. Logo, é função do autor da análise biográfica, em sua escrita, notar que, muitas vezes, as ausências de fatos são tão ou mais significativas do que os fatos ocorridos em si.

Mais que um gênero meramente literário, mais que uma redução à historiografia, a biografia está localizada em uma área de intersecções amplas que viabilizam ao historiador do tempo presente uma análise mais profunda não só da vida do biografado como, também, do contexto no qual esse indivíduo estava inserido, além, é claro, de possibilitar ao historiador problematizar o tempo da própria escrita. Por esses motivos, devemos coletivizar os solitários, ou seja, pensar no mundo no qual o indivíduo se inseriu, retirando-o de sua *torre de marfim*, se preferirmos utilizar uma expressão histórica do século XIX. A partir do momento no qual, se ultrapassando o indivíduo, chegamos a um prisma socialmente problematizado, as trajetórias de vida ganham nova relevância nos estudos históricos, se afastando das narrativas deterministas outrora empregadas. Gênero antigo e amplo, as biografias hoje se apresentam como uma forma direta e acessível do conhecimento histórico, desde que feitas com todo o rigor metodológico, evitando, assim, o risco de se perderem em uma infrutífera literatura romanceada, aos mais variados públicos. São essas características que encontramos neste livro escrito a seis mãos. Mais do que um livro de biografias, o que temos aqui é um relato analítico e conjuntural daquilo que o filósofo alemão Martin Heidegger chamou de *ser e tempo* e que, em certa medida, transformou-se no que Hannah Arendt chamou de *homens em tempos sombrios*. O historiador François Bedárida costumava dizer que o tempo histórico é medido pelo tempo de uma vida. Este livro possui múltiplas temporalidades, todas pautadas por um regime de historicidade que constitui o *leitmotiv*, o motivo condutor, da relação entre os personagens aqui retratados e o mundo que os cerca. O que os autores desta obra pretenderam foi retirar o campo teórico da biografia e seus autores da *torre de marfim*, convidando todos os leitores a pensar com a história e não de fora dela.